



OS JOVENS RURAIS E A RELAÇÃO COM A LEITURA EM UMA COMUNIDADE DO SERTÃO DO CEARÁ

RURAL YOUTH AND THE RELATIONSHIP WITH READING IN A COMMUNITY OF THE SERTÃO OF CEARÁ

LA JUVENTUD RURAL Y LA RELACIÓN CON LA LECTURA EN UNA COMUNIDAD DEL SERTÃO DE CEARÁ

Recebido: 15/06/2022

Aceito: 15/11/2022

73

Poliana Silveira Fonteles¹
Isaurora Cláudia Martins de Freitas²
Ana Paula Rabelo e Silva³

RESUMO

A leitura é um ato de partilha e de associação, que, conduzida de maneira que atinja as vidas dos sujeitos em caráter reflexivo de aprendizagem, pode trazer benefícios imensuráveis na formação da subjetividade dos jovens, sobretudo em jovens que estão inseridos no meio rural, onde as oportunidades de acesso a livros e demais bens culturais geralmente são escassos. O presente trabalho objetivou conhecer a realidade dos jovens rurais da localidade de São Gonçalo, no município de Bela Cruz (CE), identificando a relação com a leitura e gerando dados para subsidiar o desenvolvimento de um projeto de intervenção destinado à formação de jovens leitores no meio rural, baseada em Paulo Freire, focando no trabalho de habilidades como a autonomia e o protagonismo juvenil, tendo em vista a concepção da leitura como prática de liberdade e emancipação humana. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória, através da aplicação de um questionário *online*. Os participantes foram jovens com idades entre 15 e 19 anos, estudantes do ensino médio da localidade de São Gonçalo. Em meio a condições socioeconômicas adversas, os jovens inseridos em meio rural demonstram ao mesmo tempo seu desejo de migração e a vontade de permanecer em seu local de origem, em decorrência das relações de afeto e do sentimento de pertença. No que se refere à leitura, a maioria revelou não ter desenvolvido o gosto por esta prática, mas, por outro lado, expressou o desejo de participar de algum projeto relacionado à leitura.

Palavras-chave: Juventudes, Ruralidade, Leitura, Subjetividade.

¹ Mestre em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará – UFC.
E-mail: polianafonteles@gmail.com

² Docente do curso de Ciências Sociais e do ProfSócio da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
E-mail: isaurora68@gmail.com

³ Docente do Curso de Letras Português da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB.
E-mail: anarabelo.p@gmail.com



ABSTRACT

Reading is an act of sharing and association, which, conducted in such a way as to reach the lives of the subjects in a reflective character of learning, can bring immeasurable benefits in the formation of the subjectivity of young people, especially those inserted in rural areas, where opportunities to access books and other cultural goods are generally scarce. The present work aimed to know the reality of rural youths in the town of São Gonçalo, in the municipality of Bela Cruz (CE), identifying their relationship with reading and generating data to support the development of an intervention project, aimed at training young readers in rural areas, based on Paulo Freire and focusing on working skills, such as autonomy and youth protagonism, in view of the conception of reading as a practice of freedom and human emancipation. Therefore, an exploratory research was carried out, through the application of an online questionnaire. Participants were high school students from São Gonçalo, aged between 15 and 19 years old. Amidst adverse socioeconomic conditions, young people living in rural areas demonstrate, at the same time, their desire to migrate and their desire to remain in their place of origin, as a result of the relationships of affection and the feeling of belonging. With regard to reading, the majority revealed that they had not developed a taste for this practice, but, on the other hand, expressed the desire to participate in a project related to reading.

Keywords: Youth, Rurality, Reading and Subjectivity.

RESUMEN

La lectura es un acto de compartir y asociar, que, cuando se realiza de manera que llegue a la vida de los sujetos en un carácter de aprendizaje reflexivo, puede traer beneficios incommensurables en la formación de la subjetividad de los jóvenes, especialmente en los jóvenes que se insertan en las zonas rurales, donde las oportunidades de acceso a los libros y otros bienes culturales suelen ser escasas. El presente trabajo tuvo como objetivo conocer la realidad de los jóvenes rurales de la localidad de São Gonçalo, en el municipio de Bela Cruz (CE), identificando la relación con la lectura y generando datos para apoyar el desarrollo de un proyecto de intervención dirigido a la formación de jóvenes lectores en el medio rural, con base en Paulo Freire, centrándose en el trabajo de habilidades como la autonomía y el protagonismo juvenil, en vista del concepto de lectura como una práctica de libertad y emancipación humana. Para ello, se llevó a cabo una investigación exploratoria, mediante la aplicación de un cuestionario en línea. Los participantes fueron jóvenes de entre 15 y 19 años, estudiantes de secundaria de la localidad de São Gonçalo. En medio de condiciones socioeconómicas adversas, los jóvenes insertados en el medio rural muestran al mismo tiempo su deseo de emigrar y la voluntad de permanecer en su lugar de origen, como resultado de las relaciones afectivas y el sentimiento de pertenencia. En cuanto a la lectura, la mayoría no ha desarrollado el gusto por esta práctica, pero por otro lado, expresaron el deseo de participar en algún proyecto relacionado con la lectura.

Palabras clave: Juventud, Ruralidad, Lectura, Subjetividad.



INTRODUÇÃO

A leitura é um ato de partilha de palavras e de saberes e de associação, esta, conduzida de maneira que atinja as vidas dos sujeitos em caráter reflexivo de aprendizagem, pode trazer benefícios imensuráveis na formação da subjetividade dos jovens. Nesse sentido, acreditamos que a leitura pode se transformar, a depender do manejo e dos sentidos que lhe são atribuídos, em um instrumento de mudança social poderoso, já que o ato de ler, como afirma Paulo Freire (1994), “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1994, p. 11).

No Brasil, no entanto, o ato de ler, no sentido mais amplo que o termo assume, é privilégio de poucos. Dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), realizado em 2018, apontam que o País ocupa a 57ª. posição no ranking mundial de desempenho em leitura dos jovens de 15 anos⁴, ficando, portanto, entre os piores no universo de 78 países participantes da pesquisa. A 5ª. edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-livro⁵, em 2019, demonstrou que apenas 52% dos brasileiros possui hábito de leitura de livros, número inferior aos 56% verificados na edição anterior (2015) da pesquisa, o que mostra que o Brasil vem perdendo leitores. Pela mesma pesquisa também é possível perceber que quanto menor o município e quanto mais baixa a renda da população menor o hábito de leitura. Em se tratando do meio rural, onde geralmente não há acesso a bibliotecas públicas e a livrarias, não encontramos dados referentes à leitura.

O interesse em criar um projeto de incentivo à leitura, destinado aos jovens de uma comunidade rural do sertão do Ceará, fez com que buscássemos conhecer melhor suas realidades, sobretudo no que se refere ao modo como se relacionam com a leitura. Assim, apresentamos neste artigo os resultados de uma pesquisa destinada a conhecer a realidade dos

⁴ http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206

⁵ <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>



jovens rurais da comunidade de São Gonçalo, localidade da zona rural do município de Bela Cruz, situado às margens do rio Acaraú, a 230 km de Fortaleza, capital do Ceará.

A pesquisa, de caráter exploratório, foi realizada com a utilização de um questionário *online*, aplicado através da plataforma digital *Google Forms*, com questões relacionadas ao perfil socioeconômico dos jovens, seus modos de vida, interesses e à relação deles com a leitura. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo criar uma maior intimidade com o problema, bem como aperfeiçoar as ideias inerentes a ele e ao objeto pesquisado. Os questionários foram aplicados em janeiro de 2020 e a opção pelo formato *online* foi feita em virtude do contexto de pandemia da Covid-19 que exigiu o distanciamento e o isolamento social.

Os participantes da pesquisa foram jovens cujas ações de vida atravessam o meio rural (local onde residem, estudam, trabalham, etc.). Estes sujeitos foram acessados a partir da Escola de Ensino Médio Professora Theolina de Muryllo Zacas, portanto, são jovens com idade entre 15 e 19 anos. A escola em questão tem 260 alunos matriculados. Dentre eles, 80 não têm acesso nenhum à internet, dos 180 com acesso à internet, 69 responderam ao questionário.

A escolha da localidade de São Gonçalo foi feita por possuir uma escola de ensino profissionalizante (Escola Estadual de Ensino Médio Professora Theolina De Muryllo Zacas Eem), recebendo, portanto, alunos de localidades vizinhas, bem como seu índice de vulnerabilidade e risco, despontando a demanda por políticas públicas específicas para jovens.

Do ponto de vista teórico, partimos de uma discussão sobre juventudes, ruralidades, leitura e subjetividade, categorias que atravessam o nosso objeto de análise e que serviram de pano de fundo para a leitura dos dados da pesquisa empírica. Na primeira parte deste trabalho apresentamos uma caracterização da referida comunidade, bem como uma discussão sobre juventudes e ruralidades, partindo de autores como Pais (2003), Boudieu (1983), Freitas (2009), Silva (2002), Carneiro (1998). Na segunda parte, realizamos uma reflexão teórica sobre leitura e subjetividade, lançando mão das contribuições de Gonçalves (2014), Lima (2016), Guimarães (2016), Freire (1982), dentre outros. Atrelada à discussão sobre leitura e



subjetividade, trazemos também uma reflexão sobre a importância de políticas de incentivo à leitura no contexto da comunidade de São Gonçalo. Por fim, apresentamos e analisamos os dados coletados a partir dos questionários.

JOVENS RURAIS: QUE CATEGORIA É ESSA?

Segundo dados do IBGE (BRASIL, 2019), 84,72% da população brasileira reside em áreas urbanas e 15,28% dos brasileiros residem em áreas rurais. A região com maior percentual urbano é o Sudeste, contabilizando 93% de sua população vivendo em meio urbano. A Região Nordeste possui o maior percentual de habitantes residindo em áreas rurais, ou seja, 26,88%. O percentual de analfabetismo na Zona Rural do Brasil é de 21,2%. Em contrapartida, nas zonas urbanas, a taxa é de 6,5% (IBGE, BRASIL, 2011).

Mas, afinal, o que é o rural brasileiro? Para o IBGE, a definição de urbano e rural vincula-se à área de localização do domicílio. São consideradas urbanas, as sedes dos municípios (cidades) e dos distritos (vilas). O rural, portanto, configura-se como tudo que está localizado fora desse perímetro. Veiga (2002) considera obsoleta a metodologia utilizada pelo IBGE para distinguir o urbano e o rural, pois considera que, além da localização, deve-se levar em conta os equipamentos sociais que conferem o *status* de cidade a um determinado lugar.

O contexto rural há muito carrega o estigma de espaço periférico, atrasado e residual, diferente do urbano cujo contexto marcado pela presença de indústrias e pela oferta de serviços diversos, inclusive, culturais, seria visto como fonte de progresso e modernidade. Essas marcas, que atravessam a compreensão do termo rural, foram frutos da Revolução Industrial, que modificou as estruturas econômicas, sociais e políticas da época. Assim, a agricultura e o rural foram perdendo sua importância, pois não mais rendiam tanto quanto as indústrias no meio urbano (PONTE, 2004). No Brasil do século XXI, no entanto, a agroindústria é um dos setores econômicos mais poderosos e dinâmicos, respondendo por quase um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, sendo também fonte de inúmeras disputas e conflitos ocasionados pelas desigualdades sociais que ajuda a fomentar.

O rural brasileiro é também atravessado por contrastes e, de acordo com Freitas (2009), não pode ser pensado apenas como espaço predominantemente agrícola, pois existem



outras formas de renda, assim como uma diversidade de relações sociais e culturais que atravessam esse meio, tornando-o cada vez mais heterogêneo e diverso. Nosso meio rural brasileiro há muito vem passando por transformações “que marcam consideravelmente sua estrutura física, as ocupações econômicas, incorporações tecnológicas, os modos de vida e, conseqüentemente, as relações sociais”. Portanto, tomar o rural como campo de pesquisa significa atentar para a sua diversidade, dinamicidade (FREITAS, CRUZ, SILVA, 2019, p. 75) e contradições. Assim, qualquer produção de conhecimento que tome o rural como objeto deve levar em conta todas essas dimensões.

Uma das conseqüências das transformações e da diversificação cultural, econômica e social ocorridas no meio rural é a nova forma dos jovens verem o mundo e a si mesmos, influenciados pelas relações cada vez mais estreitas com o meio urbano, através da mídia, das redes sociais e do contato direto, proporcionado, por exemplo, pela ida à cidade para frequentar a escola, a universidade ou para acessar outros serviços.

De acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), são considerados jovens os sujeitos com idade entre 15 e 29 anos. A juventude, no entanto, é uma categoria histórica, que vai se modificando através do tempo. Para Viana, Rodrigues e Araújo (2011), o conceito de juventude foi instituído a partir de ideais de existência, como a potência de vida e inovações. Esses ideais foram criados no século XVIII, época de ascensão da burguesia que delimitava suas condutas e valores sociais. Portanto, esperava-se que os jovens fossem ponte para a evolução e o desenvolvimento de uma nação.

Do ponto de vista sociológico, autores como Pierre Bourdieu (1983) e Machado Pais (2003) pensam a juventude para além da concepção marcada pelas fases da vida, entendendo que não é possível enquadrar este conceito em apenas uma noção pré-formada, tendo em vista que a juventude é uma categoria plural e heterogênea, em constante transformação social. Não existe uma única juventude, pois são várias as formas de vivenciar essa fase de vida, que é definida em termos etários, mas é marcada pelas demais pertencas: gênero, raça, classe, etnia, território etc. Dentro da própria categoria juventude rural, existe uma pluralidade de outras que compõem este meio, “[...] jovens assentados, jovens trabalhadores agrícolas, jovens



empresários rurais, jovens sem-terra, jovens estudantes rurais, dentre outras que são utilizadas para designar empiricamente as juventudes rurais” (FREITAS, 2009).

De acordo com Canevacci (2005), a formação das culturas juvenis não se esgota, por isso, ele criou o termo “jovens intermináveis”, ou seja, um sujeito plural, em movimento, que é perpassado por um conjunto de variáveis como a mídia, a cultura do consumo e o próprio contexto em que vivem, de forma descentrada. “Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações” (PAIS, 1990, p. 149). Nesse sentido, é que se fala de juventudes e culturas juvenis para mostrar que a categoria jovem deve ser pensada como diversa e heterogênea.

No que se refere às juventudes do meio rural, existem alguns pontos-chave para pensá-las. De acordo com Oliveira Junior e Prado (2013), o fato de o jovem rural ser, na maioria das vezes, filho de pequenos agricultores faz com que seus dilemas sejam frutos da sua pertença a essa forma de produção econômica e modo de vida particular. Entende-se que o jovem rural não apenas reside em seu contexto, mas também vivencia esses espaços e participa da produção de caráter familiar, tomando espaços deliberados culturalmente (KUMMER; KOLOGNESE, 2013).

Tendo em vista que os estigmas voltados para o rural atravessam esse contexto até os dias de hoje, é preciso que existam pesquisas, políticas e projetos voltados para a população rural, com um olhar ampliado e heterogêneo, tendo ciência de suas particularidades e potencial de desenvolvimento, sem ignorar as relações de troca recíproca e influência mútua que o campo e a cidade possuem. Segundo Cidade (2019), a diversidade dos setores rurais é oriunda dos vários tipos de cenários, de culturas, de pessoas. Cada território tem sua particularidade e especificidade, devendo ser entendido e analisado de forma plural e dinâmica, sem preceitos advindos de etiologias universais.

A atenção dada à população jovem em contexto rural, em termos de políticas adaptadas para sua realidade, precisa ser efetiva, porém, segundo Oliveira Jr e Prado (2013), a juventude rural tem sido privada de políticas públicas específicas, com metodologias voltadas para essa realidade, o que sugere um olhar mais minucioso para este público, pois são



pesquisas como esta que orientam e potencializam a criação de políticas, programas e projetos. Segundo Cidade, Silva e Ximenes (2016), a discussão sobre juventude é bastante relevante devido à sua abrangência enquanto público que demanda ações sociais e políticas públicas, mostrando a necessidade de pensar sobre a realidade social que direciona essas intervenções.

A importância de compreender o meio rural, de acordo com Ponte (2004), vem da necessidade de pensar em Políticas Públicas para o campo, que possam contemplar as particularidades e singularidades deste meio. Portanto, desponta a relevância deste estudo, que se debruça sobre esta população, especificamente através dos jovens, trazendo à tona as vulnerabilidades psicossociais desses territórios, enfatizando especialmente as questões relacionadas à educação, através de um olhar sobre a relação dos jovens rurais com a leitura, para ajudar a pensar políticas de incentivo a essa prática, em especial no meio rural de Bela Cruz, campo da presente pesquisa.

LEITURA E SUBJETIVIDADE

Como vimos anteriormente, o rural se mantém em segundo plano em detrimento de um paradigma urbano, de progresso e modernidade. A juventude, segundo Lima, Zucchetti e Dartora (2006), tem sido pensada numa visão urbanizada, enquadrando comportamentos e valores de um mesmo espaço sem se importar com as diferenças contidas em ambientes tão díspares. A juventude rural parece ser invisibilizada em detrimento de uma visão estereotipada do jovem urbano (OLIVEIRA JR; PRADO, 2013). Segundo Silva (2002), a formação da identidade dos jovens rurais vai acontecendo num entrelaçamento de conflitos e imprecisões, pois, ao mesmo tempo que se veem apegados a tradições e à própria família, também fomentam a possibilidade de ter uma vida melhor longe do contexto em que vivem.

As relações de conflitos e os desejos formam marcas singulares no desenvolvimento do indivíduo, transformando seus valores e suas crenças. A confluência entre o mundo interno e o mundo externo do sujeito é chamada de subjetividade. A subjetividade, segundo Bock e Furtado (1999), é a síntese única e individual que vamos moldando à medida em que nos



desenvolvemos e vivenciamos experiências culturais e sociais. Nossas ideias, emoções e significados vão sendo formados a partir das interações sociais, das vivências e das constituições biológicas, sendo as experiências educativas parte essencial nesse processo.

De acordo com Lima (2016), as ligações subjetivas na leitura do texto ficcional são claras, podendo acontecer através da relação de identificação com personagens, ou através da sintonia da narrativa poética, dos discursos fantásticos ou das reflexões intrínsecas no texto lido que alicerçam suas obras. Segundo Richinitti (2020), cabe um mundo dentro de um bom livro, as experiências do outro nos alcançam de forma que criamos sentidos e conexões entre os elementos de tantas representações. A leitura é um ato humanizador, na medida em que, através dela, temos acesso a sentimentos e representações de vida que de outra forma não teríamos, além de que, de forma recreativa, entramos em contato com nossos próprios sentimentos e emoções a partir da leitura dos sentimentos e emoções de um outro fictício, mediado por um outro, que seja, o autor, permitindo superar a realidade imediata.

Assim, através da leitura de textos literários as palavras circulam em forma de histórias de vida por meio dos leitores que podem sonhar com possibilidades de vida, de transformar seu destino, enfrentar suas realidades pré-impostas. Os leitores se veem atravessados pelo que leem, tocados pela narrativa e entendimento de outros sujeitos, confrontando-se com a subjetividade do outro e com a sua própria, e, portanto, moldando sua própria subjetividade. “Quem lê, treina para viver” (RICHINITTI, 2020, p.18).

Para Fairclough (2001 [1992]), “as relações entre a mudança discursiva, social e cultural não são transparentes para as pessoas envolvidas”. Assim, para o teórico da ADC, é a leitura crítica que possibilita transformações sociais por meio de mudanças nas práticas discursivas, em outras palavras as práticas discursivas quando em mudança podem contribuir para mudar o conhecimento, as crenças e o senso comum, inclusive provocando transformações nas relações sociais.

De acordo com Gonçalves (2014), a partir da relação que se tem com a leitura, especialmente a ficção, estabelece-se uma infinidade de possibilidades de vida, que nos ajudam a compreender nossa existência, a moldar quem somos, a partir da relação que



fazemos entre nossas vidas e as vidas que nos atravessam nos livros lidos, se superpondo com nossa formação humana. Portanto, os processos envolvidos na leitura são muito maiores que apenas a decodificação de símbolos através do encontro dos olhos com as letras, pois existem outros elementos fundamentais, como os conhecimentos que temos a priori (conhecimento de mundo, conhecimento de assunto) e a memória, somados com nossa capacidade de absorver informações e fazer associações imediatas. (LIMA, 2016). Se para os adultos esses processos são importantes veios de compreensão da existência e de construção da subjetividade, imagina para os jovens em idade escolar, que, conforme o Estatuto da Juventude (2013) são jovens adolescentes e estão, portanto, em condição especial de pessoas em desenvolvimento.

“No encontro com a leitura, ou com as artes em geral, os indivíduos têm a possibilidade de ampliar, transformar ou enriquecer, sua própria experiência de vida” (GUIMARÃES, 2016, p.46), tendo em vista que o leitor é o sujeito agente no ato da leitura, de forma subjetiva ressignifica sua história se mesclando à história descrita. De acordo com Cosson (p. 36, 2020), “[...] ler é um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece laços entre o leitor e o mundo e os outros leitores”, ou seja, ler, além de um ato individual, também é um ato coletivo, tendo em vista que passo a fazer parte de uma comunidade, no sentido de que na literatura nunca se está sozinho. A leitura deve ser um ato de compartilhamento, partilha e associação (CASSON, 2020).

Portanto, tendo isso em vista, a proposta metodológica de intervenção se utiliza de teorias de autores como Paulo Freire (1991) e o Círculo de Cultura e Método História de vida de André Levy (2001). O ato de ler em círculo, em voz alta, relacionando suas histórias de vida e partilhando experiências, configura uma interlocução de identificações e processos identitários subjetivos. As vidas das juventudes residentes em meio rural necessitam e devem ser contadas, tocadas e compreendidas, tendo em vista a história de exclusão cultural e social a que estão submetidos os que não habitam as zonas urbanas que, geralmente, concentram a oferta de equipamentos culturais, como, por exemplo, as bibliotecas.

Em Bela Cruz, município da região Noroeste do Ceará, a população é de cerca de 32.243 habitantes. Existem 127 localidades e apenas um distrito na cidade, dentre eles a



localidade de São Gonçalo, a qual fica a 17 km quilômetros da cidade. A zona rural do município concentra 57,9% da população, dos quais 21,1% são jovens entre 15 e 24 anos. Na zona rural, 25% da população tem rendimento nominal *per capita* de até R\$ 38,00, dado que os situa abaixo da pobreza extrema. No ano de 2010, foram registrados 5.721 casos de trabalho infantil na cidade, 3.611 registrados nas localidades rurais do município. São Gonçalo, campo desta pesquisa, tem uma população de aproximadamente 2.280 habitantes. De acordo com a CECAD⁶ (2020), 811 pessoas eram beneficiárias do Programa Bolsa Família, com 211 famílias cadastradas, destas, 179 estavam em situação de extrema pobreza.

A localidade São Gonçalo possui três escolas, uma de Educação infantil até o 5º ano do Ensino fundamental, uma com ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano) e uma escola de Ensino Médio profissionalizante. As bibliotecas existentes na comunidade são todas atreladas às escolas, e o acervo de livros é escasso. As áreas de lazer se resumem à praça da igreja e a um campo de futebol feito pelos moradores.

Os dados apresentados acima, que se referem aos indicadores de vulnerabilidade e risco social, nos fazem questionar o porquê da escassez de estudos e políticas públicas voltadas para a população rural, já que abriga grande parte da população.

Nos poucos equipamentos sociais que existem na localidade de São Gonçalo, a presença de políticas públicas voltadas para a juventude é quase nula, se, como critério, deixarmos de considerar a obrigatoriedade das escolas na comunidade. A partir das implicações já apresentadas, é que os questionamentos acerca desta realidade despontam: Como vivem os jovens de São Gonçalo? Que relação eles têm com a leitura? A comunidade tem espaço de incentivo à leitura? São formados para serem leitores nas escolas da localidade? O que esses jovens pensam da leitura? Qual a receptividade deles a um projeto social voltado à formação de leitores?

⁶ Consulta, Seleção e Extração de Informações do Cadastro Único.

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 16, volume 1, p. 73-95, Jan-Jul/2022.

ISSN: 1982-3800



OS JOVENS DE SÃO GONÇALO: REALIDADE E RELAÇÃO COM A LEITURA

Apresentamos neste tópico os resultados da pesquisa, fruto da aplicação de um questionário digital, assim obtendo dados de habitação, renda familiar e relação desses jovens com a leitura e com a comunidade. A intenção, a princípio, seria aplicar de forma presencial, porém, devido à pandemia do COVID-19, a qual trouxe a necessidade do distanciamento social, a metodologia da pesquisa foi revista e, por isso, os questionários foram enviados por e-mails e *WhatsApp*, com a ajuda de diretores, coordenadores e professores. Um total de 69 jovens responderam aos questionários, sendo, 49 mulheres e 20 homens, com idades entre 15 e 19 anos, como ilustrado no gráfico abaixo:

84

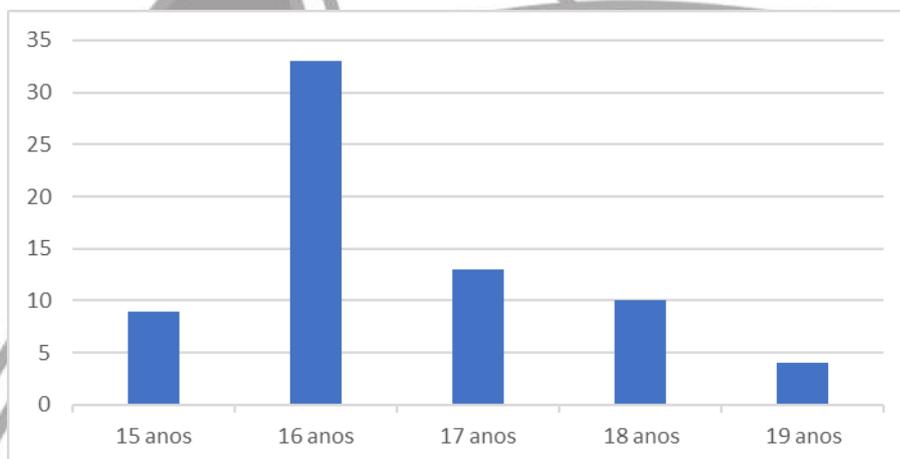


Gráfico 1 - Faixa Etária

Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Na localidade de São Gonçalo, campo dessa pesquisa, 66,7% dos jovens afirmam gostar de morar em sua comunidade, enquanto 24,6% pretendem sair assim que possível, o que reflete a possibilidade de que esses jovens continuem sendo parte e contribuindo em sua comunidade, para tanto, é importante que haja políticas públicas que fortaleçam esse sentimento de pertença e que deem garantia de um futuro promissor na própria comunidade. Os jovens destacam como pontos positivos de se morar na localidade: a tranquilidade; o fato de todos se conhecerem; e a união entre os moradores. Esses fatores não apontam para



significativas mudanças das condições socioeconômicas e culturais nas quais estão inseridos. Portanto, os jovens ficam entre construir um projeto individualizado, que se expressa na vontade de mudar de vida, de construir um futuro que difere de seu atual contexto, e o compromisso com a família e a comunidade.

A renda predominante nas famílias dos jovens entrevistados advém da agricultura, 90% dos pais dos alunos entrevistados são agricultores, assim, ao mesmo tempo em que expressam seu afeto e satisfação com a comunidade e com a forma como vivem, ao serem perguntados sobre os planos após o ensino médio é unânime o desejo de um “futuro melhor”, não estando diretamente ligado ao trabalho no campo. Como afirma Carneiro (1998), cultivam um “ideal rurbano”, ou seja, “[...] cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, veem sua autoimagem refletidas no espelho da cultura “urbana”, “moderna.” (CARNEIRO, p.2, 1998). O acesso ao saber e o reconhecimento de poder se inserir em outras formas de organização social não implica exatamente uma negação de seu contexto, mas resulta em um conflito entre projetos de vida: querem ao mesmo tempo estar no campo, porém, com os serviços, as facilidades, os empregos e os bens de consumo do meio urbano. Essa percepção implica na formação de uma nova identidade, que perpassa desejos e vontades próprios, configurando um cenário de desejo de transformação das práticas sociais locais.

É preciso compreender a juventude rural como categoria mais abrangente, voltar-se para as singularidades dos sujeitos, junto às privações materiais, que estão ligadas às condições socioeconômicas e culturais e à falta de acesso da população aos benefícios sociais, os quais são capazes de promover condições materiais e sociais que resultem na participação dos sujeitos perante bases legítimas da sociedade (SILVA; FEITOSA; NEPOMUCENO, 2016). Os gráficos abaixo elucidam essas disparidades na condição de renda dos jovens de São Gonçalo:

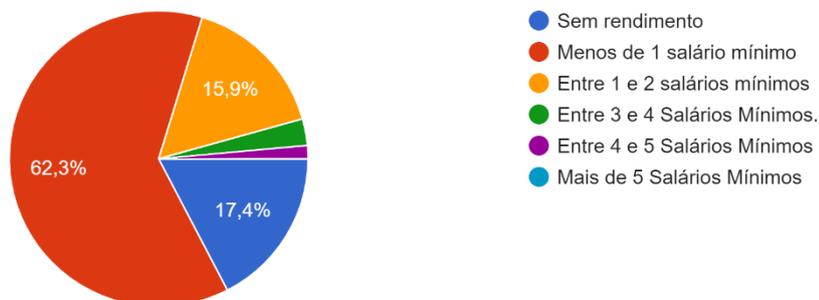


Gráfico 2 _ Renda Familiar

Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

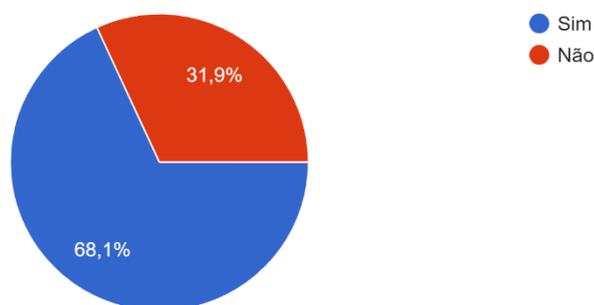


Gráfico 3 - Beneficiários do Programa Bolsa Família

Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

O perfil socioeconômico dos jovens entrevistados descreve uma situação de alta vulnerabilidade e dependência da ajuda do Estado. 62,3% dos jovens entrevistados vivem em famílias que percebem menos de um salário mínimo por mês (Gráfico 3), o que os coloca no perfil do direito a acesso aos programas de renda mínima, como o Bolsa Família, extinto em 2021 e substituído pelo Auxílio Brasil. Há época das entrevistas, 68,1% dos jovens recebiam o bolsa família (Gráfico 4), 46,4% das mães dos alunos não concluíram o Ensino Fundamental I. 21,7% dos pais não estudaram, 33,3% não concluíram o ensino fundamental, em números: apenas dois dos pais concluíram o ensino médio. É possível entender que a replicação dos modos de vida da geração dos pais, a priori, não parece atraente para os jovens



em questão, assim, o desejo de transformar essa realidade e enfrentar essa condição adversa é justaposta aos projetos de vida almejados, que contrapõem o rural e o urbano.

Os jovens em contexto rural desenvolvem modos de enfrentamento à sua condição adversa, a depender de seus modos de vida, da relação que têm com o ambiente e até mesmo com a imagem que têm de si. Portanto, “[...] a juventude, quando inserida em situações de privação, desenvolve formas alternativas de vivenciar sua condição juvenil.” (CIDADE, SILVA, XIMENES, 2006, p. 313). Muitas das atividades de lazer descritas no questionário estão relacionadas aos amigos e à comunidade, quais sejam: jogar bola, encontro na pracinha com os amigos, banho de açude, visitar os amigos, comunidades religiosas, a própria escola, entre outros. As atividades elencadas não apontam para uma agenda cultural voltada para a juventude com a criação de centros culturais, escolas de música, aulas de teatro ou de dança, atividades esportivas, cinemas, dentre outros equipamentos que podem potencializar o desenvolvimento desses sujeitos e impulsionar o desejo de mudança, de sonhar com uma vida melhor.

Nessa perspectiva, identificar as variáveis que incitam a legitimação dos jovens como atores sociais e políticos se insinua como etapa significativa para as transformações que tanto responsabilizam a juventude, tendo em vista que “[...] o jovem é associado a futuro e à transformação social” (CASTRO, 2009, p. 4). Portanto, é preciso que estes sejam agentes ativos, atentos ao seu papel de agente de mudança e renovação ininterrupta, no que tange ao protagonismo juvenil, que se consolida como tema que estabelece uma perspectiva de empoderamento do jovem. (STAMATO, 2008).

Para que esse desenvolvimento ocorra, é que estabelecemos como um dos instrumentos dessa transformação subjetiva, a prática da leitura. Na pergunta do questionário “Na possibilidade de existir em sua comunidade um *projeto de leitura* voltado para jovens, você participaria?” 78,3% dos jovens responderam que sim, que participariam de um projeto de leitura na comunidade, tendo em vista que apenas 44,9% dos jovens afirmam gostar de ler, esse número de aceitação ao projeto mostra que apesar de não terem



desenvolvido o gosto por essa prática, o desejo de se tornar um leitor, assim como fazer parte de um grupo social é bem maior. Segundo Gonçalves (2014),

Pela leitura da Literatura, experimentamos dialogicamente os fenômenos sociais. Por um lado, ela não confirma uma experiência ingênua ou sempre direcionada para o bem. Por outro, não nos aproxima do tortuoso, do provocativo ou do negativo apenas. Por ser a incerteza a sua marca mais emancipadora, ela transborda para nós diversas possibilidades de contato com o humano, servindo de ponte para a compreensão de alguns dos diversos fragmentos que compõem a realidade. (GONÇALVES, 2014, p.31).

Ler, portanto, significa fabricar sentidos por meio do diálogo, um diálogo que fazemos com nosso passado a partir de nossas experiências e das experiências do outro. Pois a leitura, nesse sentido, é entendida como uma atribuição social e individual, num processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos, quais sejam, o leitor, o autor, o texto e o contexto (COSSON, 2020). Nessa perspectiva, a prática da leitura seria uma conversa com a experiência do outro, entrelaçada com nossas próprias experiências de vida, “[...] a relação que o leitor estabelece com o texto é mais importante do que o próprio texto” (GONÇALVES, p. 44, 2014). Segundo o educador e filósofo Paulo Freire (1982), em seu livro *A Importância do Ato de Ler*, “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Sua visão crítica sobre o ato da leitura descarta a possibilidade de uma leitura descontextualizada. Para ele, o texto dialoga com a realidade do leitor, porque o reconhecimento crítico da realidade em que se está inserido precede a leitura da palavra e a palavra lida com esses saberes nos leva a olhar (sentir e viver) o mundo de outra forma, habitando a história como um sujeito capaz de intervir na realidade em que está imerso.

No que se refere à relação com a leitura, os sujeitos da pesquisa apresentaram um quadro onde a maioria afirma que depende (47,8%) ou que não gosta (7,2%). E, embora, 24,6% se considere leitor, percebe-se uma imprecisão no que se refere à prática da leitura por motivos diversos, como poderemos ver nos gráficos a seguir.



1. Você Gosta de ler?

69 respostas

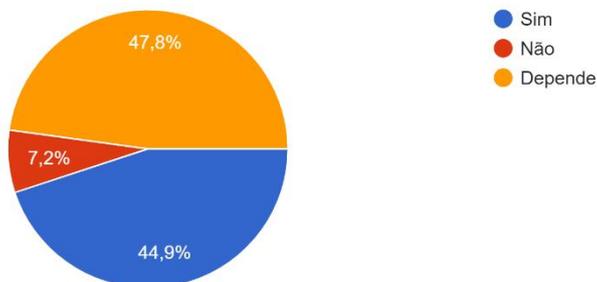


Gráfico 4 – Gosto pela leitura

Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

A leitura contextualizada e crítica dos jovens sujeitos participantes da pesquisa pode trazer transformações sociais e culturais, no entanto, é preciso que haja incentivo a essa prática. Ao serem questionados sobre a prática da leitura, 24,6% se consideram leitores de fato, porém, ao serem indagados sobre a importância da leitura um grande percentual, 91,3%, responderam que sim, que acham que a leitura é importante. As dificuldades identificadas por eles para a não realização dessa atividade foram: não conseguem se concentrar (52,6%), não tiveram incentivo (10,5%) e preferem assistir TV (5,3%). Os dados demonstram a necessidade de mudanças de estratégias de apresentação do texto, considerando diferentes suportes e gêneros textuais, principalmente os mais acessados no cotidiano dos jovens, de modo a fomentar o engajamento com o hábito leitor.

A leitura já, por si só, pode ser considerada uma prática poderosa, mesmo quando realizada isoladamente, imaginemos então, o que se pode alcançar através de vivências compartilhadas, em voz alta e em círculo, o que resulta na presença de mais um elemento, o ouvinte. García (2003), ao se referir à leitura em círculo, evidencia a possibilidade de criação e invenção na prática da leitura compartilhada de um texto literário, o que se configura como



um dos elementos mais encantadores de toda a experiência, esse espaço para a criação abre caminhos para a formação da autonomia, protagonismo e autoafirmação.

Os grupos de leitura e as rodas literárias são espaços de ampliação de saberes, proporcionando tanto a descoberta de novas informações como a prática da sistematização de argumentos sobre os conteúdos acessados, sem a obrigatoriedade de notas ou de inserção em sistemas avaliativos; um movimento espontâneo, realizado pelo jovem quando estimulado a interagir com os demais para discutir os temas propostos pelo coletivo a partir das leituras realizadas. Vale retomar o dado de que 91,3% avalia como importante o ato de ler (Gráfico 5), mas 27,5% não gosta de ler e 47,8% só gosta de ler em situações específicas (“depende”).

2. Você acha que ler é importante?

69 respostas

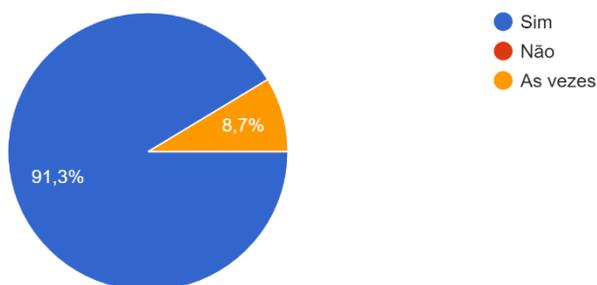


Gráfico 5 – Avaliação da importância da leitura

Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Reconhecer que o jovem do campo, assim como o jovem da cidade pode acessar diferentes gêneros e discutir diversas temáticas se colocando em situação de protagonismo em relação à crítica sobre temas atuais (interdisciplinares e interdiscursivos) é, também (e não só), reconhecer a potência transformadora presente na formação da identidade juvenil. Incitar o protagonismo juvenil, em uma comunidade rural, é, sobretudo, um ato político e emancipatório, se tomarmos por base a invisibilidade que estes jovens vivenciam. “O jovem protagonista é aquele indivíduo/ator social que encarna a regra e cuja atividade materializa o



discurso do poder e atesta sua eficácia” (SOUZA, p. 20, 2009), podendo, portanto, agir como agentes sociais frente as demandas específicas que a juventude necessita.

4. Que tipos de leitura gosta mais de fazer?

69 respostas

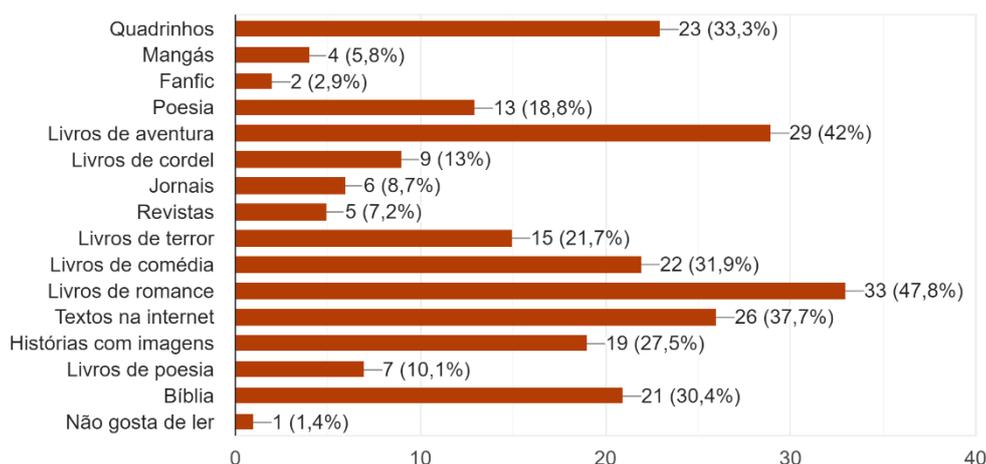


Gráfico 6 - Gêneros de leitura preferidos.

Fonte: Elaborado através do formulário do Google aplicado na pesquisa.

Foram identificados quatro suportes (livros, jornais, revistas e internet) e nove gêneros (quadrinho, mangá, fanfic, poesia, aventura, romance, terror, comédia e cordel, além de livros multimodais com associação entre imagem e texto). A amplitude descrita na resposta revela uma diversidade de interesses que vão desde a valorização da cultura local, com a leitura de cordel, até um acesso sem fronteiras, com a leitura de mangás e fanfics, possibilitada, provavelmente, pelo acesso à internet, já que, devido à natureza da pesquisa (feita *online*) só foram entrevistados jovens que possuem acesso à internet. O acesso à internet constitui também elemento importante que demonstra que, como afirma Almeida (2015), os jovens rurais, apesar das inúmeras limitações ainda impostas pelo meio, estão cada vez mais experimentando formas de vida e valores que, num passado recente, eram associados aos jovens da zona urbana.



O movimento de leitura ativa, que possibilita o “falar” e o “ouvir”, numa relação que perpassa a história de cada sujeito, permitindo a integração com os outros jovens (inclusive de outros estados, como é o caso das fanfics), traz múltiplas possibilidades de experiências leitoras e demonstra que as ações de busca por informações realizadas por eles rompem com os limites das questões socioeconômicas e culturais nas quais estão imersos. Isso pode ser observado pelos dados sobre o acesso aos livros (ou textos). 56,5% buscam informações na internet e apenas 5,8% na biblioteca. Além disso, 47,8% recebem informações na escola. Assim, além dos dados disponibilizados na educação formal (escola), as buscas espontâneas estão em relação assimétrica, mostrando que os gêneros digitais são mais acessados por esses jovens. Novas pesquisas podem ser realizadas no sentido de descobrir os motivos dessas buscas no ambiente virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens desta pesquisa embora não se considerem leitores, demonstram a vontade de gostar de ler e o desejo de participar de grupos de leitura. O que aconteceria se houvesse mais oportunidade e incentivo? Que tambores soariam nas vidas desses jovens, que barreiras seriam aniquiladas? A juventude em situação de privação, que é o que encontramos ao acessar um pouco da vida dos jovens de São Gonçalo, encontra meios de vivenciar sua condição, de refletir sobre o sistema, reconhecer situações de assimetria de poder e seguir adiante mesmo em meio a contextos hostis.

Se a introdução à leitura para os jovens do meio rural fosse feita de uma forma mais contextualizada e o incentivo à essa prática fosse algo fácil, acessível e convidativo, poderia ampliar, de maneira significativa, a quantidade de jovens leitores e, por sua vez, seriam criadas condições de partilhas de saberes que potencializariam uma leitura crítica do mundo capaz de modificar a maneira como se veem, como pensam o mundo. Porém, esta, ao que parece, não é uma preocupação majoritária daqueles responsáveis pela formação juvenil.

É sabido que a leitura, como está posto durante todo o texto, é um instrumento poderoso de humanização, tendo em vista que o leitor, no ato da leitura, entra em contato com



inúmeras realidades, que, de outra maneira, não teria acesso. Há algo que vemos muito claramente como potência da leitura que é a superação da realidade imediata, apropriação do que foi criado e acumulado na história da humanidade, extrapolando a experiência empírica imediata que, por vezes, é limitante. Inclusive, podendo treinar habilidades sociais, como empatia, já que o leitor se insere na realidade de um outro, bem como acesso a modelos de comportamentos de conversação, entre outros. Diante de cenários extremos, nos perguntamos se a leitura, também, não poderia trazer forças de regeneração e enfrentamento, por colocar de forma gradativa o leitor diante de seus medos e de si mesmo, confrontando fatos que antes estariam no escuro.

Petit (2009) afirma que “a literatura transcende seu uso enquanto ferramenta pedagógica, sendo um meio de “criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la” (PETIT, 2009, p. 116 apud RICHINITTI, 2020, p.110).

Se a leitura (em especial de obras literárias) estivesse mais presente no cotidiano dos jovens como uma prática discursiva crítica - e não como evento isolado - poderia gerar uma transformação, inclusive no que diz respeito à criações artísticas dos próprios jovens. Dar aos jovens a condição de perceber e conhecer melhor sua realidade com vistas a vislumbrarem mudanças futuras em seus contextos e em suas vidas é o impacto que a leitura pode causar. É nessa perspectiva que pretendemos, futuramente, com base na pesquisa exploratória e nas reflexões sobre leitura aqui apresentadas, propor um projeto de formação de leitores para os jovens da comunidade de São Gonçalo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. R. O. O jovem do campo e as tecnologias: os usos, as experimentações e os enlaces nos seus modos de vida. In: FREITAS, I. C. M de, PEREIRA, I. H, LINHARES, M. I. S. B. **Os jovens do interior**. Sobral: Edições UVA, 2015.

COSSON, R. **Círculo de leitura e Letramento Literário**. 1ªed. São Paulo: Editora Contexto. 2020.



BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOCK, A. M. B., FURTADO O. e TEIXEIRA M. de L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª ed. São Paulo. Editora Saraiva. 1999.

_____. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas**. Brasília: Senado Federal, coordenação de Edições técnicas, 2013.

CANEVACCI, M. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos T. (Org.). **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, p. 94-118.1998.

CASTRO, E. G. de. *et al.* **Os jovens estão indo embora?:** Juventude rural e construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR,2009. 240 p.

CIDADE, E. C.; SILVA, A. M. S.; XIMENES, V. M. Pobreza e juventude: implicações psicossociais, modos de vida e enfrentamento às adversidades cotidianas. In V. M. XIMENES, V.M.; NEPOMUCENO, B. B.; CIDADE, E. C.; JUNIOR, J. F. M. (Orgs.), **Implicações Psicossociais da Pobreza: diversidades e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2016. p. 311-336.

DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. 2011. **Estatísticas do meio rural**. Departamento Intersindical de Estatística; Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural; Ministério do Desenvolvimento Agrário. São Paulo: DIEESE; NEAD, MDA, 4 ed., 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2001 [1992].

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREITAS, I. C. M. de. Do campo à universidade: trajetórias e projetos de vida dos jovens universitários do meio rural brasileiro. In: Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 27, Jornadas de Sociología de La Universidad de Buenos Aires, 8, **Anais...** Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009, p. 1-11.2

FREITAS, I. C.M. de.; CRUZ, M. L. I. F. e SILVA, S. A. da. Conhecer os Jovens Rurais para Contextualizar o Ensino de Sociologia. **Latitude**. v. 13, n.2, p. 71-96, 2019.



GARCIA, P. B. *Círculo de Leitura: identidade e formação do leitor em processo de alfabetização*. In: YUNES, E.; OSWALD, M. L. (Org.) **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, H. S. *et al.* Problemas da Juventude e seus enfrentamentos: um estudo de representações sociais. **Psicologia & Sociedade**; v. 20, n.2, p. 217-225, 2008.

GUIMARÃES, A. R. G. de P. O leitor e a leitura literária subjetiva: processos receptivos, emancipados e performáticos. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 2, p. 45-58, jul. 2016. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/14514>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/132SI>>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

_____, 2014. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2014**, Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

KUMMER, R.; COLOGNESE, S. A. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Revista tempo da ciência da Unioeste**, Paraná, v.20, n. 39, p. 201-220, 1º semestre, 2013.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN M. Práticas Discursivas sobre a luta pela terra na transição democrática brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37, núm. esp., p. 197-207. 2017.

LIMA, C. M. H. de; ZUCCHETTI, D. T.; DARTORA, E. C. Jovens em movimento. In CALDART, R. S.; PALUDO, C.; et al (Orgs). **Como de formam os sujeitos no campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006, p. 99-112.

LIMA, Sheila oliveira. Subjetividade e leitura. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**, v. 31, n.1, p. 18 – 30. Londrina. 2016. Disponível em:<[Leitura e subjetividade.pdf](#)>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.

MENEZES, M. A. de; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014.



OLIVEIRA JR. O.; PRADO. M. A. M. A categoria juventude em contextos rurais: o dilema da migração. In. LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. (Orgs.) **Psicologia e contextos rurais**. Natal/RN: Editora da UFRN, 2013. Cap. 2, p. 57-87.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, n. 1, p. 139-165, 1990.

PONTE, K. F. da. (Re) pensando o conceito do rural. **Revista Nera**. Pres. Prudente, Ano 7, n. 4, p. 20-28, jan/jul 2004.

PONTE, K. F. da. **Uma análise geográfica das novas ruralidades e do controle social nas vilas rurais da Paz em Rolândia e João Inocente em Cambé**. 2004. 19 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

RICHINITTI, G. Literatura: o potencial humanizador da mais solitária das artes. **Criação & Crítica**, n. 28, p., dez. 2020. Disponível em: Acesso em: 10 de março de 2021.

SILVA, V. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, ago. 2002, p. 97-115. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

SOUZA, R. M. de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, v. 1, p. 1-28. 2009.

STAMATO, M. I. C. **Protagonismo juvenil**: uma práxis sóciohistórica de ressignificação da juventude. 2008. 222 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIANA, D. M.; RODRIGUES, P. B.; et al. Juventude, escola e mídia: problematizando a (in) acessibilidade das mídias para a construção crítica dos processos de ensino-aprendizagem na rede pública de educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n.1, p. 26-40, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4797>>. Acesso em: 01 de janeiro de 2020.